

Aviso aos "caras-pintadas": a isonomia vos salvará.

JORNAL DA TARDE

□ POR DEONÍSIO DA SILVA

19 DEZ 1992

Primeiramente, aos "caras-pintadas", o parabém deste colunista. Sei que é uma singularidade escrever **parabéns** no singular. ó "caras-pintadas" que tanto me comoveis, mas sabeis que o Padre Vieira, um dos mestres da Língua Portuguesa, usava quase sempre o singular. **Parabém**, pois, a todos. Não sabeis que havia a forma **parabém**? Não vos apoquenteis. O ministro da Cultura também desconhece o parabém. Se o conhece, quer este conhecimento somente para ele, pois não o registra em seu **Pequeno Dicionário Enciclopédico** (Rio, Editora Larousse do Brasil, 1979, 1ª edição, 1.634 páginas).

Por que me comovem tanto os "caras-pintadas"? Por muitas razões, algumas delas inconfessáveis. Vamos às confessáveis. Sua audácia e sua ignorância são duas das principais. Os "caras-pintadas" derrubaram o presidente da República. Nada de luta armada, codinomes, documentos falsificados, esconderijos em conventos, reuniões clandestinas, marcas de nossa geração, melhor dizendo de nossa **faixa otária**. Não, os "caras-pintadas" foram às ruas, na maior festa. Muitas cores, caras alegres — e pintadas, claro; confesso que aquelas tintas no frescor dos rostos me desconcertaram um pouco: o que eles queriam? Esconder as caras? Disfarçá-las? Ou imitar os índios, que, quando declaram guerra, pintam a cara e o corpo todo? Mistério profundo. Na semana seguinte, uma das líderes posava pelada para a revista **Playboy**. Uma beleza! Que leves os "caras-pintadas"!

A nudez daquela mocinha na **Playboy** me tirou o resto das dúvidas. Não. A julgar por aquela ali, nenhuma imitação dos índios. Seios empinados, cabelos tratadíssimos — aliás, não apenas os cabelos, mas os pêlos também estavam bem tratados; as unhas também; o calcanhar — essa marca de mulher bem cuidadinha — estava uma beleza. E as índias, como sabemos, fenecem rapidamente. Não têm como cultivar e prolongar o frescor da natureza. As filhas dos homens, porém, cuidam da alimentação, comem e bebem produtos dietéticos, dançam, usam xampus,

óleos e perfumes mais delicados que os de Cleópatra e da Rainha de Sabá. O banho de Betisabéa, aquela mulher por quem Davi mandou o general Urias colocar o marido dela lá na frente da batalha, para poder melhor seduzi-la, fica sendo uma ablução ligeiríssima.

Se não imitavam os índios, por que saíram de "caras-pintadas"? Por festa. Mas fica registrada a audácia. Ah, sim, só a audácia, não. E a ignorância, onde é que fica? A diferença entre os zulus da África e os "caras-pintadas" é que os zulus não lêem porque não sabem. São ágrafos. Não chegaram ainda à Galáxia Gutenberg. E os "caras-pintadas" são analfabetos autodidatas. Filhos de pais culpados, os "caras-pintadas" foram educados em escolas caríssimas. Aprenderam a ler, mas não lêem nada ou lêem pouquíssimo. Aprenderam quase tudo por música. E, assim mesmo, sem pauta; de ouvido, apenas. Pensam que antes de Caetano Veloso não havia nada digno de registro no Brasil.

Ano letivo

Pois é, mas chega o dia do vestibular. E quem não lê não sabe escrever. Questão de domínio de código. Eles sabem falar porque ouviram. Aliás, o sentido que mais usam é, realmente, o ouvido. De nada servem os macetes dos cursinhos, os conselhos dos professores, as técnicas de redação, se a pessoa não lê.

Mas, ó "caras-pintadas", preciso prosseguir. Vêde o exemplo de quem se tornou grande, útil, importante, indispensável para a humanidade, começando bem mais tarde do que todos vós. Como o Brasil é um país católico, vou dar exemplos da Igreja. São Jerônimo, que traduziu a Bíblia inteira para o latim, começou aos 25 anos. Santo Agostinho, que levou uma vida que fazia sua mãe, Santa Mônica, chorar todos os dias, converteu-se aos 33. São Francisco de Assis, aos 24. Santo Inácio de Loyola, aos 31. São Paulo, aos 36. Quer dizer, todos têm muito tempo para tudo. Os "caras-pintadas" são a gente mais inocente deste mundo. Como aprender a escrever com o ano letivo que temos? São 180 dias. O aluno vai meio-dia por dia. Restam 90 dias. O

professor pode faltar 25%. O aluno, idem. Se combinarem, alunos e professores, o ano letivo é legal com 45 dias. Parece brincadeira. Um mês e meio de aula por ano! A lei não obriga ninguém a mais do que isso! Como os advogados não cessam de proclamar (e a OAB de São Paulo tem mais de 200 mil advogados para defender essa tese), ninguém é obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa, a não ser em virtude da lei, legalmente estão todos salvos.

Sem traumas

Assim é difícil aprender a escrever. Os de minha **faixa otária** estudavam bem mais. Se fossem presidiários infantis, como este colunista, que estudou num seminário, porque sua mãe teve vocação para ele ser padre, o ano letivo tinha mais de 300 (trezentos) dias integrais. Era fácil aprender a escrever. Porque se lia muito. Redação? Nenhum trauma. O charme era citar em latim, inglês, francês, alemão, italiano no original.

Mas, ó "caras-pintadas", uma ponta de melancolia recobre minha coluna inteira. Não pensem que escrevo isso por vaidade. Não. De que adiantou? Qualquer vereador analfabeto ali da esquina ganha mais do que este colunista. E os vereadores, seus colegas, mesmo não sendo analfabetos, não haverão de ganhar mais por este diferencial. O mal do século não é mais o romantismo. É a isonomia. Professor-doutor. Pois, sim. Título pomposo. Não vale na padaria, na mensalidade da escola do filho, no médico, no dentista, no condomínio, no aluguel, na loja, no supermercado. Não vale em lugar nenhum. Nem na universidade. Lá, como no resto do Brasil, vale a isonomia. No Japão, a isonomia não vale nada.

Os Estados Unidos que não se preocupam com o Japão. Só precisam pedir ao Japão que adote a isonomia. Depois, é só esperar como se espera o fruto podre debaixo da árvore. Por que a isonomia não vale para o vestibular? Por que os jovens são obrigados a escrever melhor do que os pais, os professores, os tios, os avós?

"Caras-pintadas", uni-vos. Pela isonomia, já. A isonomia vos salvará.